

Revista Adventista

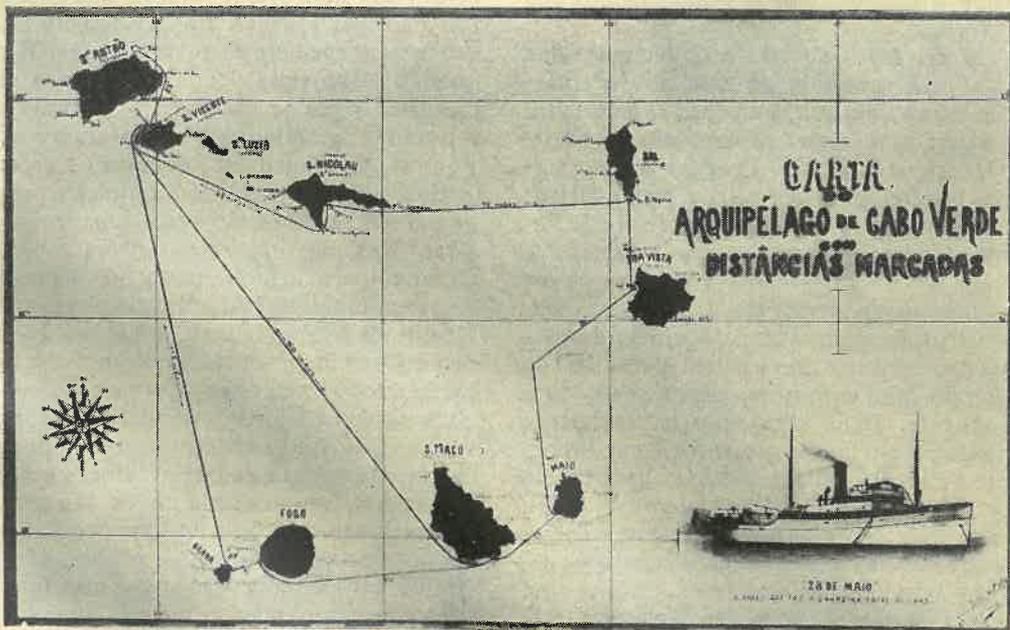
Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Campanha das Missões em 1942

Mais uma vez se aproxima outra Campanha das Missões. Bem de pressa os nossos fiéis irmãos — obreiros e membros — que se interessam nos progressos da Causa de Deus, partirão para o trabalho, pedindo donativos para os campos missionários em necessidade.

O plano da Campanha para as Missões, teve a sua origem na pessoa de um humilde mem-

teriam entrado no sepulcro sem Cristo, se a Campanha das Missões não tivesse nascido! Alguns dos nossos grandes e prósperos campos missionários onde temos milhares de sinceros activos membros, não teriam ainda recebido o seu primeiro missionário se não tivéssemos iniciado o plano da Campanha das Missões nos anos passados.



bro de uma Igreja adventista há mais de 34 anos e tem aumentado de importância de ano para ano até se tornar, depois da Escola Sabatina, uma das principais fontes de receita das Missões.

A bênção real que tem alcançado o povo adventista através das Campanhas das Missões não pode ser apresentada em escudos. Pensemos nas centenas de missionários que as nossas instituições missionárias têm enviado e mantido por êste processo das campanhas anuais! Pensemos nas escolas, hospitais, igrejas, etc., que têm encontrado os seus fundos neste esforço! Acima de tudo, pensemos nos milhares de indivíduos ganhos para o reino de Deus que estariam ainda mergulhados nas trevas ou

Se o nosso povo, em tôda a parte, falhasse na realização do seu dever e abandonasse simplesmente a campanha das Missões só êste ano, aconteceria um desastre na obra de Deus. Milhares dos nossos missionários morreriam de fome e muitas estações missionárias deveriam fechar a porta. Temos a certeza que nada disso acontecerá nas fileiras adventistas que por tôda a parte da terra amam a causa de Deus de todo o seu coração e estão prontos a fazer o melhor que possam para a sustentar nas suas variadas linhas de actividade. Em vez de fazer menos do que no passado, acreditamos que farão mais do que nunca, para recolher fundos aplicáveis no sustento da obra de Deus nestes

Interpretações privadas das profecias

Será dificilmente negado que os Adventistas do Sétimo-Dia insistem no estudo das porções proféticas das Escrituras mais do que qualquer denominação nos nossos dias. Quando os oponentes têm criticado o extensivo uso das profecias nas nossas prègações públicas, temos retorquido que «as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus: mas as coisas reveladas são para nós e para os nossos filhos para sempre.» Deut. 29:29.

Que podemos esperar conhecer o curso dos acontecimentos antes da sua ocorrência, é-nos indicado pelas palavras de Amós: «Certamente o Senhor não fará nada, sem que revele o Seu segredo aos Seus servos, os profetas». Amós 3:7. Uma vez que Deus revela através dos profetas, e desde que «as coisas reveladas são para nós», desprezar o estudo das profecias, é negar-nos a nós próprios o conhecimento que Deus ofereceu.

Devido ao facto de que a maior parte das profecias está revestida de símbolos, a interpretação é importante. Quem dará o padrão ou quem fixará o método? Respondem as Escrituras. José, quando chamado para dizer o significado dos sonhos dados por Deus, disse: «Não são de Deus as interpretações?» E Pedro, salientando a autoridade e credibilidade das

tempos de angústia e tempestade. Embora a guerra e a destruição sejam quasi universais, a causa de Deus não deveria sofrer perdas. A bandeira da verdade não cairá com nosso consentimento no pó da derrota. Deus organizou o movimento Adventista para o tempo presente. A sua ordem presente é: «Levanta-te e brilha!» Neste tempo de escuridão e desespero Deus quere que o Seu povo seja uma fonte de luz, esperança e salvação para as almas perturbadas e que pereçam.

Devido às condições da guerra, a nossa obra em muitas partes só pode ser executada com tremendas dificuldades e imensos atritos. Apesar-de tudo isto, sentimos sastifacção em dizer ao nosso povo que a obra está avançando com poder e sucesso. Temporariamente, aqui e acolá, tem havido paragens e recuos mas em muitos mais lugares o progresso é maior agora do que durante aos anos anteriores ao presente conflito mundial. Como povo, temos grandes razões para agradecer a Deus por ter colocado sobre nós a Sua mão. E como gesto de aprêço pela Sua bondade não deveríamos nós, pela Sua graça, ser mais fiéis na nossa experiência cristã e mais zelosos no nosso serviço por Deus e pela humanidade sofredora?

Pela presente complicação, muitas das nossas

(Conclui na página 13)

profecias da Bíblia, mesmo acima do testemunho ocular de cada um, apressou-se a dizer que «nenhuma profecia das Escrituras é de particular interpretação. Apesar desta clara e simples declaração, ficamos por vezes espantados perante a audácia com que os nossos obreiros concebem uma idéia e então tentam encontrar uma profecia para ela. Dezenas hoje estão abandonando a sua esperança, não porque as profecias de Deus falhassem, mas porque a interpretação ou prognóstico de alguns homens não se verificaram verdadeiros.

Há mais de vinte anos, quando dirigia reuniões numa certa capital de um Estado, convidei um ministro visitante a ocupar o meu púlpito. Estávamos em plena Grande Guerra; assim êle falou sobre o «Armagedon». Foi um discurso atractivo. O auditório estava muito comovido. Mas o prègador, no seu entusiasmo, foi além da Palavra. Provavelmente ninguém sabia ou suspeitava disso na ocasião. Mas hoje, quando visito essa cidade, as pessoas perguntam-me: «Que se passa? Essas coisas de que o Irmão X... falou não chegaram a acontecer. Fomos enganados ou falharam as profecias?»

Está sempre presente a tentação para fazer os nossos sermões tão prementes quanto possível. Mas não haverá perigo que apliquemos alguma «particular interpretação» sobre alguma sentença profética? Alguns dos nossos obreiros fazem-nos lembrar Jonas. A sua mensagem não deu a Deus lugar de salvar os homens. Um dirigente e todo o seu povo «ceram em Deus e proclamaram um jejum»; um rei tirou de si os seus vestidos, cobriu-se com saco e assentou-se sobre cinza, e ordenou a todos, «Clamai fortemente a Deus: sim, torne-se cada um do seu mau caminho.» Jonas 3:5, 6, 8. O gracioso Pai ouviu o clamor de arrependimento e poupou a cidade de Niníve, perdoando ao seu povo; mas Jonas ficou ofendido e zangado do mesmo modo.

Temos encontrado alguns prègadores cuja mensagem é tão positiva, cuja interpretação da profecia é tão completa em cada pequenino detalhe, que são não somente intolerantes para com qualquer opinião diferente daquela que apresentam, mas parecem não deixar a mínima oportunidade a Deus de fazer qualquer coisa senão aquilo que êles têm dito. Seguir um tal método no ensino das profecias parece-me correr perigosamente para o que a Bíblia chama «particular interpretação». E mais, tal interpretação é quasi sempre, senão sempre, *uma profecia*, em vez de interpretação de profecia.

Heber H. Votaw

(Departamento da Liberdade Religiosa da Conf. Geral)

Um texto difícil no espírito de profecia

«Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal mas se qualquer te bater na face direita oferece-lhe também a outra. E ao que quiser pleitear contigo e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa. E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com êle duas.» — S. Mateus 5:39-42

«Levantavam-se constantemente ocasiões de irritação, para os Judeus, do seu contacto com os soldados romanos. Destacamentos de tropas estacionavam em pontos diferentes da Judeia e Galileia e a sua presença lembrava ao povo a sua degradação como nação. Com amargura de alma ouviam o eco forte das trombetas e viam as tropas formadas em volta do estandarte de Roma, em continência a êste símbolo do seu poder. Eram freqüentes as rixas entre o povo e os soldados e estas rixas inflamavam o ódio popular. Muitas vezes, quando alguns oficiais romanos com o seu destacamento de soldados passavam de um ponto para o outro, apanhavam camponeses judeus a trabalhar nos campos e obrigavam-nos a levar-lhes a impedimenta pela encosta acima ou a prestar outros serviços de que precisavam. Tudo isto estava de acôrdo com a lei e os costumes romanos e a resistência a tais pedidos acarretava insultos e violências. Cada dia aumentava no coração do povo a aspiração de quebrar o jugo de Roma. Especialmente entre os orgulhosos e maltratados galileus o espírito de insurreição era dominante. Capernaúm, cidade da fronteira, era séde de uma guarnição Romana e, mesmo quando Jesus estava a ensinar, a visão de uma companhia de soldados lembrava aos Seus ouvintes o amargo pensamento da humilhação de Israel. O povo olhava ansiosamente para Jesus na esperança que fôsse Êle quem humilharia o orgulho de Roma.

«Com tristeza Jesus olha para as faces transornadas diante d'Êle. Nota o espírito de vingança que imprimiu nas suas faces traços maléficis e sabe quão amargamente o povo aspira por um poder que esmague os seus opressores. Tristemente ordena-lhes que «não resistam ao mal; mas se alguém lhes bater na face direita ofereçam também a outra».

«Estas palavras eram apenas a repetição do ensino do Velho Testamento. É verdade que havia a lei «ôlho por ôlho e dente por dente»

dada por Moisés; mas era um estatuto civil. Ninguém ficaria justificado em se vingar a si próprio. Lá estavam as palavras do Senhor: «Não digas, eu recompensarei o mal». «Não te alegres com a queda do teu inimigo». «Se aquêle que te aborrece tiver fome dá-lhe de beber» (Prov. 20:22;24;29;17; e 25:21,22).

E tôda a vida de Jesus foi a manifestação dêste princípio...

Jesus ordenou aos Seus discípulos que, em vez de resistir aos pedidos das pessoas em autoridade, deviam fazer mesmo mais do que o que elas pedissem. E, tanto quanto possível,



Porto da Furna. Porta obrigatória de entrada na Brava, Cabo Verde

deviam cumprir cada obrigação mesmo que estivesse além do que era requerido pela lei do país.

A lei dada por Moisés requeria um muito terno cuidado, pelo pobre. Quando um pobre dava o seu vestido como penhor ou garantia de uma dívida o credor não podia entrar na sua habitação para lho tirar. Deveria esperar na rua que o penhor lhe fôsse entregue. E fôsem quais fôsem as circunstâncias, o penhor deveria ser devolvido ao possuidor quando caísse a noite. (Deut. 24:10-13; 14:7-8). Nos dias de Jesus estas provisões bondosas eram pouco consideradas; mas Jesus ensinou aos seus discípulos a submeterem-se às decisões do tribunal mesmo que êste pedisse mais do que

(Conclui na página 14)

Aplicação errónea do espírito de profecia

A aplicação errónia dos conselhos do Espírito de Profecia por amigos imprudentes, é um dos perigos verdadeiros para o bom andamento do movimento adventista. Muitos ensinamentos estranhos procuram apoio através da citação de grupos de extratos, ou ainda por uma simples exposição dos escritos do dom. Mas o conjunto de exposições sob o aspecto duma questão, sem o devido conhecimento, como para estabelecer e governar circunstâncias e sem ponderar toda a instrução dos escritos trazidos sobre esse ponto, constitui uma violação de dois dos mais claros princípios do processo de investigação: o estudo e a exatidão. «O tempo e o lugar» devem ser considerados. Somos especialmente admoestados pela Sr.^a E. G. White (*The Writing and Sending out of the Testimonies to the Church*, p. 25), discutindo este verdadeiro princípio.

Quando as circunstâncias são similares, o conselho é por força similarmente aplicável. Mas quando as condições têm materialmente ou inteiramente mudado, continuar a aplicar, para a mudada e exacta situação, as exposições de, talvez há 50 anos, que eram dirigidas e especialmente para as condições locais fazendo assim ver tais exposições como inflexível e universalmente aplicáveis para todo o tempo e circunstâncias—é a violação do mais elementar princípio de citação. Há, através dos escritos, princípios fundamentais de incontestável aplicação universal, mas entre estes existem conselhos específicos reunindo locais e imediatas situações, os quais nunca foram designados para serem aplicados a todas as condições. Esta aplicação errónia dos escritos é inequivocamente condenada pelas citações seguintes:



Edifício da Congregação Adventista, na Brava

«Eles têm feito selecções dos *Testemunhos*, e têm-nos inserido em panfletos que publicaram para fazerem parecer que os meus escritos sustentam e aprovam a posição que eles advogam. Procedendo assim têm feito o que não é justo nem recto. Através de indesculpáveis liberdades eles têm apresentado ao povo uma teoria que é dum carácter enganoso e destrutivo.

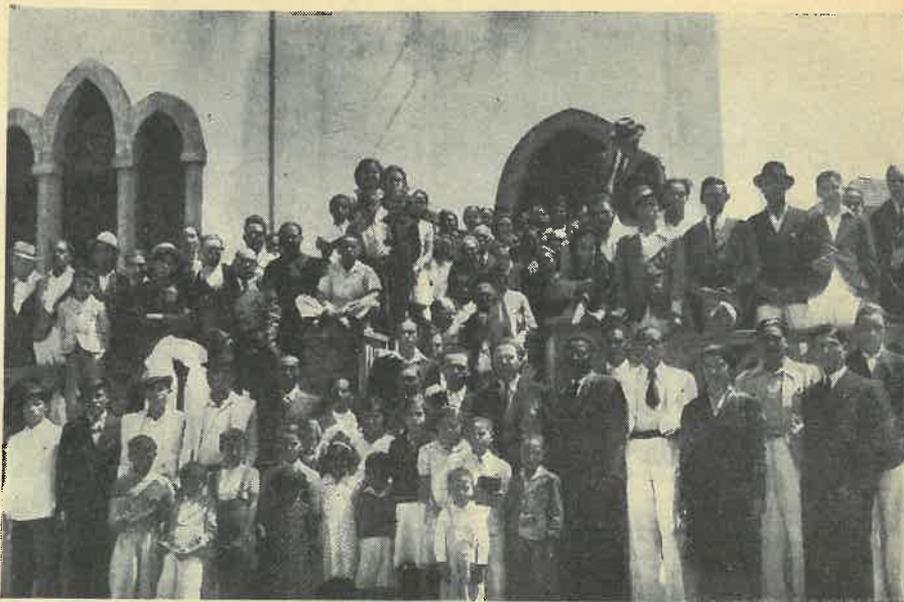
Muitos outros têm feito assim, há tempos, e têm feito parecer que os *Testemunhos* sustentam posições que eram insustentáveis e falsas». (*Testemunhos para Ministros*, páginas 32 e 33).

Além disso, tudo o que tem sido apresentado através do dom, sobre um dado ponto, deveria ser reunido e estudado, se desejamos obter uma verdade clara e equilibrada compreensão dos seus conselhos sobre esse ponto. Fanatismo e extremismo da parte de crentes professos no dom, envolve sempre violação deste princípio. Baseiam-se sempre sobre um conjunto unilateral de afirmações tomadas sem o seu confronto, modificando corolários, e sem respeito às condições locais. E este conjunto unilateral invariavelmente conduz a

posições divergentes com a Igreja duma maneira geral — apesar de aparentemente fundados aos olhos do presidente da assembléia e seus seguidores, pela autoridade do Espírito de Profecia.

Necessita-se reconhecimento e assídua aplicação destes dois princípios: «tempo e lugar». Nós condenamos, e com razão, as práticas da parte doutros grupos religiosos que envolvem uma apresentação unilateral das doutrinas bíblicas sobre o sábado e a natureza do homem, por exemplo. Não vamos pensar que podemos ignorar princípios directores, com referência ao

U m a visita a Cabo Verde



Assistência ao culto de Sábado das Assembléias de 1942, na Brava

Lancemos os olhos para o mapa da pág. 1. As ilhas do arquipélago dispõem-se numa

curva gigante de mais de 500 km. de extensão! A distância mínima entre as ilhas encontra-se entre S. Vicente e Santo Antão, no norte, e entre Brava e Fogo no sul. Menos de 20 km. E contudo que dificuldade para transitar de uma para outra ilha! Por exemplo, não pude ir visitar a ilha do Fogo e os nossos Irmãos ali, embora visse da Brava a cidade de S. Filipe. É que o missionário Esteves afirmou-me que é um perigo e uma transgressão legal querer vencer as águas do canal em barco de pesca; é preciso esperar um barco de carga que leva umas sete horas; na sua última viagem ali, gastou mais de um mês à espera de barco! Conclusão: a evangelização tem de começar por fixar em cada ilha um casal missionário.

Na ilha da Brava, a nossa Congregação tem o melhor edifício da ilha, lá em cima em Nossa Senhora do Monte. Temos uma sala aberta ao público em Nova Sintra. Além destas duas localidades há ainda o pôrto da Furna, cá em baixo junto do mar, a uma distância apreciável da vila, onde haverá algumas centenas de pessoas que não têm nenhum culto religioso regular. Necessitamos abrir ao público ali uma casa de oração. Fizemos planos para melhorar o nosso trabalho, arranjando bem a sala da vila e intensificando, ali e noutros lados, os cultos. Há um único padre para tãda a ilha. A Igreja Evangélica está estabelecida na vila. Fi-

recto uso do Espírito de Profecia sem deletérios efeitos, ou que podemos alcançar sãs conclusões enquanto escarneçemos deles.

*L. E. Froom
da Conferência Geral*

quei com a impressão de que, com a ajuda de Deus, um pouco de esforço, de propaganda e de amor, todos os bravenses inclinados à fé, vão seguir Jesus na Mensagem Adventista.

O arquipélago não está nada trabalhado pelo Evangelho e pouca influência recebe até do catolicismo. Em três ilhas, durante a minha viagem, só vi dois padres em Mindelo, um na Praia e um na Brava. O povo precisa de ser cristianizado. Necessitam-se apóstolos. A Mensagem pode ter ali muito êxito se a executarmos com os bons métodos já aplicados noutras terras. Pouca coisa é suficiente para atrair os auditórios, visto não haver cinemas, casas de recreio e as festas não serem freqüentes. Isto não quer dizer que os auditórios se formem sem um pouco de trabalho. O missionário que se dedique a ensinar grandes e pequenos, curar doentes e se mostre «tudo para com todos» terá êxito muito apreciável. Os cabo-verdeanos são muito sensíveis a actos de bondade.

O movimento católico não é forte ou, pelo menos, não tem feito uma grande acção evangelizadora em Cabo Verde. Mas a intolerância ali é muito grande e os poucos padres exercem predomínio apreciável até nos assuntos oficiais. Por exemplo, metemos os documentos para a nossa escola e, ainda as autoridades não tinham enviado a resposta, já o padre dizia que a escola não abriria porque êle não queria e o facto é que não abriu! Por outro lado, abriram uma escola particular nas traseiras do edifício que, dizem, ser propriedade do padre e em que o professor é o sacristão! Escola lhe chamamos nós mas nem por sombras se poderia comparar à escola adventista. Podia ainda nar-



Nova Sintra, capital da Brava

rar outros factos semelhantes a êste e que provariam o espírito de intolerância. É certo que as autoridades têm sido, de forma geral, muito gentis e procuram, tanto quanto possível, manter-se neutras.

A ilha da Brava passou êste ano por uma crise invulgar. A vida está baseada na água e «no meio da água subsiste». Na Brava e noutras ilhas, não há ribeiros, não há grandes caudais e parece não ser possível abrir poços. Tudo depende da água da chuva. Pois no ano passado não choveu. A terra está queimada. Só os espinheiros e a purgueira resistem; tudo o mais ardeu. Os nossos irmãos e todos os bravenses vêm acabar a água das cisternas. Olham todos para o céu a suplicam de Deus a misericórdia. O Governo Central e as autoridades locais fizeram e continuam fazendo esforços para ajudar a vencer a crise. Segundo vi, no passado nunca se trabalhou tanto pelos necessitados ali. Mas nem por isso deixa de haver muitos casos fatais. Nós precisaríamos de ajudar imediatamente a nossa Missão de Cabo Verde para impedir que morressem os nossos prezados Irmãos e seus filhos necessitados. Os olhos de todos estão na Missão onde o nosso Missionário Esteves dá, enquanto tiver, um punhado de milho aos mais famintos. A situação é dolorosa e suficiente para quebrar o equilíbrio nervoso ao mais forte. Os choros, lamentos e gemidos das criancinhas e dos crescidos não se podem apagar dos nossos ouvidos com brevidade.

A cidade da Praia é locali-

dade onde se resiste melhor a estas crises. Tem o seu mercado diário sempre abastecido dos géneros verdes a preços acessíveis. Creio que devemos fazer planos para centralizar, aji a nossa Obra. Mindelo é outro grande centro.

A colportagem, nestas épocas, é muito difícil por falta de transportes e pela crise que enche todo o mundo.

No entanto é o momento oportuno para estabelecer bases de evangelização em Cabo Verde e cooperar assim no aperfeiçoamento cristão dos nossos compatriotas. Temos uma porta largamente aberta

no Fogo. Necessitamos de abrir ali, na capital, um centro de evangelização. O mínimo que devemos fazer por êste ano é enviar um casal de missionários, para Cabo Verde. Encontrá-los? Encontraremos o dinheiro em caixa?

Pelo menos devemos e pensamos que podemos contar com a melhor das boas vontades em cada Irmão português e que essa boa vontade se vai manifestar no esforço da Campanha das Missões. Êste ano, mais do que em qualquer ano, necessitamos de ter êxito na colocação da revista missionária. Não esqueças, leitor, que o missionário tem a vida em risco! As estâncias superiores do nosso movimento já se puseram à procura de fundos para ajudar os nossos Irmãos cabo-verdeanos e os futuros movimentos de cristianização no arquipélago. E haveríamos nós de cruzar os braços? Nem Deus o permitirá nem nós o queremos.

A. Dias Gomes



Nossa Senhora do Monte, onde está a Congregação

Assembléias anuais da Brava

Pela primeira vez nesta ilha se realizaram assembléias na nossa igreja, por isso estamos gratos ao Senhor por tão grande bênção.

Há muito que esperávamos o irmão Gomes e eis que, quasi de surpresa, surgiu para nos dar os seus conselhos e calor espiritual que sempre necessitamos por estas paragens. Embora não tivéssemos nada preparado para as assembléias pois que, como disse, não contávamos que fôssem agora, correram com interesse e entusiasmo os nossos trabalhos.

as nossas reuniões especiais em Nossa Senhora do Monte e Vila Nova Sintra. Fizemos algumas reuniões para os jovens e como resultado de alguns apelos que lhe foram dirigidos 17 almas se decidiram a seguir os caminhos do Senhor Jesus e se vão preparar pois, para serem baptizadas em breve. O nosso irmão Dias Gomes, com o dom de trabalhar com a juventude que o caracteriza, dirigiu alguns bons conselhos aos nossos jovens e todos se encontram muito gratos por essas belas palavras. Durante a semana

▲
Os novos
Irmãos
baptizados
nas
Assembléias
de 1942
▼



Iniciámos os nossos trabalhos no dia 1 de Março os quais se prolongaram até 14 do mesmo mês. Todos os dias desde as nove até ao meio dia tratamos de assuntos interesse geral para o futuro desta missão e à noite tivemos reuniões especiais, algumas das quais com projecções luminosas, havendo sempre uma assistência regular. Nestas reuniões foram focados os princípios fundamentais da nossa fé e damos graças a Deus por algumas almas se interessarem pelas nossas doutrinas. No Sábado da primeira semana, tivemos um programa especial. Na parte da manhã, depois da Escola Sabatina, fizemos o nosso culto e celebrámos a cerimónia de consagração de dois diáconos e, em seguida, vimos 10 almas mergulharem nas águas do baptismo. Na parte da tarde, tivemos a cerimónia da santa ceia em que todos os membros tomaram parte. Foi realmente um dia de festa espiritual para todos nós, o qual deve ficar bem vincado em nossas mentes. Na segunda semana, continuamos com

tiramos alguns dias para dar alguns passeios pela ilha afim de a conhecermos, sendo acompanhados por o nosso bom amigo Gibau, que gentilmente se ofereceu para servir de cicerone.

Agora temos chegado ao fim dos nossos trabalhos aguardando só o barco que há-de levar o irmão Dias Gomes e Gregório e devemos dizer que foi com alegria que o fomos esperar mas é com tristeza que o iremos acompanhar, pois teríamos muito prazer em que o nosso irmão estivesse mais tempo entre nós. Sabemos que isso é impossível pois outros campos aguardam a chegada do nosso irmão, por isso resignamo-nos com a esperança de que para o ano receberemos uma outra visita. Até lá vamos orar para que Deus seja com o irmão Dias Gomes e o acompanhe nas suas viagens através do Oceano e o guarde de todos os perigos para que, para o ano tenhamos o prazer de o abraçar e mais uma vez recebermos os seus bons conselhos. Que assim seja.

João de Ascenção Esteves

«Embora estejamos avisados do cuidado que devemos ter com esquematizar demasiado o plano dos acontecimentos futuros, não é falho de interesse ver as conclusões a que chegam os nossos professores, no meio das suas investigações tanto da Bíblia como do Es-

Mapa dos Acontecimentos da História

Segundo o Prof. GUY F. WOLFKILL

pírito de Profecia. Não apresentamos este interessante mapa como se fôsse a

Dispensação do Espírito Santo

I

- Obra de Selagem. 5T 207-216
E. W. 35-38
O abalo. E. W. 269-73
Pequeno tempo de paz. 1T 258, 186-9

Acontecimentos

- 1 — Selagem. E. W. 71, 33-32, 85-86.
- 2 — Uns são selados outros abalados e caiem. G. C. 608.
P. K. 182.
5T 81 Nc.
- 3 — Uns recebem o selo de Deus e outros da Bêsta. G. C. 605.
- 4 — O tempo da prepararação é curto.
2T 401.
9T 48.
- 5 — Parece que a perturbação termina mais cedo para os que conheceram a Verdade do que para as outros.
9T 97, 11.
P. P. 201-5.

Ler ainda :

- G. C. 594.
1T 131-137, 124, 125, 158, 181,
185, 195, etc.
2T 252-270.
T. M. 446.
5T 21-36, 449, 208, 524.
A. A. 492, 502, 557-67.
C. O. L. 405-421.
P. P. 278.

II

- Aviso Final. Ap. 18:1-6, G. C. 673-12
Chuva Seródia. T. M. 506-12
Breve Preturbação. E. W. 85-8

Acontecimentos

- 1 — Lei do Descanso Dominical. 5T 81.
G. C. 602-5.
- 2 — Sinal para abandonar as grandes cidades. 5T 464-5.
- 3 — Preparação para a chuva seródia procede pouco o tempo da perturbação.
E. W. 38-38.
5T 214-18.
- 4 — A chuva seródia apresta os crentes para as dificuldades. 1T 353-57.
E. W. 43, 44, 71
- 5 — Apêlo a sair da Babilónia, Apoc. 18:1-6. O grande corpo de crentes está ainda na Babilónia. G. C. 390-3.
- 6 — O Espiritismo aceito pelas Igrejas.
G. C. 603-4.
- 7 — A chuva seródia e o grande grito do do 3.º Anjo. Joel 2:23.
P. K. 187.
- 8 — Perseguições. Obediência à Palavra considerada como traição. P. K. 184.
G. C. 608.
- 9 — Tentações terríveis. P. K. 188.
Servos de Deus em perplexidade. Espírito Santo protege os crentes.
- 10 — Milagres. Fogo do céu. G. C. 612-17.
Ap. 13:13.
- 11 — Raios de Luz penetram por toda a parte. Muitos aceitam a Verdade.
G. C. 6129
- 12 — Volta do Anjo com o tinteiro de escritor. Ezeq. 9.
E. W. 279.

Fim da P

- 1 — Jesus arreMESSA feito». Ap. 22
E. W. 2
G. C. 61
- 2 — Jesus deixa o lu
E. W. 2
- 3 — O pecado trans
E. W. 2
- 4 — Jesus muda as
com os anjos.
- 5 — Demasiado tard
- 6 — Os maus enfure
- 7 — Grande desperta
G. C. 61
- 8 — Decreto de Mor
Zac. 2:8
Is. 33:16
Sal. 34:4
- 9 — Os santos sofre
Ap. 3:11
Is. 27:5
- 10 — Satanaz acusa o
P. K. 184
G. C. 61
- 11 — Satanaz aprese
sus. G. C. 62
2 Tess.
- 12 — Os santos deix
E. W. 3
G. C. 62
Is. 33:16
- 13 — Densas trevas.
Sal. 27:1
G. C. 62
- 14 — Aparece o Arco
«Olhai para cima»
João 17:23

Acontecimentos Finais do Mundo

do Colégio Adventista Pacific Union

última palavra verídica no campo da investigação. Muito pelo contrário,

apresentámo-lo, sem nos responsabilizarmos em nada, para estudo dos nossos presados leitores. No próximo número daremos as citações do E. de P. que possam não existir em português.»

A. Dias Gomes

O Dia do Senhor

I

O grande dia da Perturbação

Dan. 12:1

As 7 Pragas

A vinda de Cristo

II

Milénio

Juízo Executivo

Descida da Jerusalém

Provação

a o incensário. «Está
2:11.
79.
3.
car santissimo.
20.
ferido sobre Satanás.
1.
restes e deixa o céu
E. W. 281.
e. E. W. 281.
cem-se.
amento religioso.
5.
te. G. C. 615.
3.
5.
7.
n angústia mental.
0.
os filhos de Deus.
38.
8.
nta-se como sendo Je-
24.
2:8.
am cidades e aldeias.
4.
26.
5.
Ez. 32:7-8.
5.
6.
-iris.
na». G. C. 636.
24.

Acontecimentos

- 1 — O Sol aparece à meia noite.
G. C. 636-8.
- 2 — Convulsões da Natureza. G. C. 285.
- 3 — Ressurreição privada. Daniel 12:2.
G. C. 637.
- 4 — Santos libertos do decreto de morte.
G. C. 636-7.
- 5 — As sete Pragas. G. C. 637.
- 6 — Deus anuncia o dia e hora da vinda
de Jesus. E. W. 285.
- 7 — Aparece uma estréla. G. C. 639.
- 8 — Agonia e Terror dos maus. Is. 13:6.
Mal. 3:18.
- 9 — Aparece uma pequena nuvem negra.
G. C. 640.
- 10 — Maus em Terrível agonia.
Apoc. 6:15-17.
- 11 — Cristo vem nas nuvens. G. C. 640-42.
- 12 — Ressurreição dos justos. G. D. 644.
- 13 — Os vivos transformados. G. D. 645.
- 14 — Maus destruídos.
- 15 — Os Filhos de Deus entram na cidade.
E. W. 288.
- 16 — Admissão à árvore da vida.
E. W. 289.
- 17 — Terra Desolada. Jerem. 4:23.
Is. 2:10-12.

Acontecimentos

- 1 — Jesus e os seus deixam a cidade.
E. W. 292.
- 2 — Descida da cidade. E. W. 291.
- 3 — 2.^a Ressurreição. Ap. 20:5, Is. 24:22.
E. W. 292.
- 4 — Agonia dos maus. E. W. 292.
- 5 — Jesus e os seus entram na cidade.
E. W. 293.
- 6 — Satanaz assume o comando dos seus.
E. W. 293.
- 7 — Satanaz prepara a batalha. G. C. 664.
- 8 — Os portões da cidade são fechados.
E. W. 293.
G. C. 664.
- 9 — Os maus rodeiam a cidade.
G. C. 664-8.
- 10 — Vista panorâmica. G. C. 665-70.
- 11 — Destruição dos maus. E. W. 294.
- 12 — Terra purificada. 2 Ped. 3:7.
G. C. 673.
Sof. 1:14, 15.
Ap. 6:12-17, 14:9-10, 15:1.
Joel 1:15, 2:11.
Daniel 12:1.
Ezequiel 7:15-19.
Ap. 16:1-21.
G. C. 673-78.

Extraímos alguns trechos da carta do Ir. José Grave a 28 de Janeiro passado :

Missão de S. Tomé

«A minha tarefa aumentou consideravelmente êste ano e a minha mulher adoeceu em meados do corrente mês, acabando por me cansar muitíssimo; esteve duas semanas doente e, durante êsse tempo, eu não sossegava um instante para atender a tudo até que fiquei extenuado! Tive uma forte crise de coração e continuo um tanto avariado; a asma renovou os seus ataques que me torturam de noite, porque as noites são muito úmidas, especialmente agora no tempo das chuvas. Tem morrido muita gente tanto preta como branca. Ainda ontem se enterraram dois brancos, uma senhora e um rapaz de 24 anos. Nós não passamos agora muito bem; tôda a gente sente as inclemências dêste tempo traiçoeiro. Nós levamos vida muito cautelosa por sabermos que muitos passam mal com febres muito fortes e registam-se a cada passo casos de biliosa e perniciososa. Oramos muito fervorosamente ao Senhor para que nos poupe aos piores perigos bem como aos missionários que se encontram em climas adversos como êste; os irmãos de S. Tomé conhecendo os perigos que nos cercam também oram muito por nós nas reuniões de oração. Estamos certos de que o Todo-misericordioso vela por nós; n'Ele está tôda a nossa confiança por já termos experimentado quanto Ele é Todo-poderoso.

«Eu já tinha adivinhado que o irmão Gomes não viria até nós quer pelas dificuldades de comunicações, quer pelos perigos do mar e tantos outros motivos. Lastimo bastante não vir até cá pois sei quanto faria por esta missão, ao vê-la tão necessitada. A minha caneta não consegue descrever-lhe tão bem a realidade

das necessidades da Missão de S. Tomé como os seus olhos poderiam ver,

a-fim-de lhe dedicar todo o carinho possível.

«Algum tempo depois de chegarmos organizei uma classe baptismal orientada pelo Manual da Igreja e convidei tôda a gente para assistir às lições, tanto interessados como membros. Esta classe durou alguns meses e todos aproveitaram bastante, sendo baptizadas três pessoas. Ainda antes desta, organizara uma outra classe para a qual convidei todos os homens que sabiam ler, para os adestrar na arte de dar estudos bíblicos, passar as lições da Escola Sabatina, fazer visitas missionárias e convites para as reuniões, etc. Outra classe foi organizada para ensino da nossa língua. Temos observado com muita satisfação os bons resultados de tôdas estas classes, porque todos estão muito entusiasmados ao notar o interesse que temos por êles.

«Como soubéssemos que muitas crianças não podiam vir à Igreja e à Escola por falta de roupas, fizemos arranjos para vesti-las. Antes tínhamos só 8 crianças na Escola e agora temos 20. Animei todos os irmãos que sabem ler para que lessem a Bíblia durante o ano. Organizei uma classe com cêrca de 30 leitores da Bíblia.

«Como o irmão Gomes me entusiasmou a organizar a Sociedade dos Jovens, tratei disso no fim do ano por ter recebido as suas cartas e algum material só em Outubro e ter começado a Campanha das Missões nessa altura. A nossa Juventude aqui em S. Tomé é numerosa. Dividi-a em duas secções: séniiores e júniiores; os primeiros dos 15 aos 30 e os segundos dos 15 até à idade de compreenderem a acção da Sociedade ou sejam em idade escolar. Temos uns 50 jovens ao todo. As duas primeiras reuniões, em 1 e 11 de Janeiro, foram de propaganda, fora da Igreja, nas roças onde temos núcleos de irmãos e interessados, alguns dos quais não podem vir à Igreja devido à avançada idade e doença e o nosso objectivo era duplo: animar aquêles irmãos e evangelizar por meio de programas interessantes. A próxima reunião terá lugar no sábado 31. Os nossos programas são de carácter educativo e recreativo e sempre muito animados e distribuídos pelo maior número possível de executantes. O alvo de todo o ano, 100\$00, será alcançando segundo tôdas as probabilidades



Congregação de S. Tomé (Aspecto parcial)

pois um nosso amigo empregado nas Obras Públicas tomou à sua parte metade dêle. Isto vai bem, graças a Deus.

«No sábado findo organizei um Fundo para a construção de um Templo e de uma Escola, aqui na séde da Missão, quando Deus quiser. Desejaria que pudessem ver o entusiasmo e satisfação desta pobre gente, cheia de vontade para contribuir. Inscreveram-se 44 adultos e 11 crianças e as suas cotazinhas já sobem mensalmente para cima de 75\$00. Estou certo de que outros mais que pertencem às Escolas Sabatinas filiais se unirão também aos da cidade porque estes estão possuídos de um entusiasmo contagioso. Embora sejam todos muito pobres subscvem-se até com importâncias que não sabemos como as poderão arranjar.

«No fim do ano foram criadas Escolas Sabatinas filiais, uma em Santana a 12 km. da cidade com meia dúzia de membros interessados e algumas crianças; outra na ilha do Príncipe onde está o Irmão Salvaterra e outra Irmã que tem lá dois filhos. Queira Deus abençoar estes Irmãos e fazer dêles instrumento de fixação da Mensagem naquela ilha.

«Quanto às reuniões públicas continuamos muito animados pois estão sempre bem frequentadas. Temos um bom número de interessados que estão guardando o sábado e seguindo fielmente os princípios; falta-lhes apenas casarem-se para serem baptizados. Surgem porém



Vista panorâmica de uma ribeira em S. Tomé

dificuldades porque esta não tem o homem crente, aquêle não tem a mulher crente e quando ambos são crentes não têm dinheiro para as respectivas despesas. Necessitamos de os ajudar. Temos seis casais prontos a casar e baptizar mas as despesas que isso acarreta sobem a 1,500 escudos ou mais.

«Os alvos financeiros são ultrapassados não obstante a tremenda crise que se sofre nesta colónia sendo motivo para darmos graças a Deus. Por tudo isto nos encontramos muito satisfeitos e animados. Sem mais por hoje fico orando ao Senhor para que continue a proteger o Seu povo, a Sua Obra e os Seus dirigentes em tôdas as partes do mundo.

Vosso Irmão que vos abraça

José Simões Grave

Desejo apresentar aos nossos amigos leitores um Gandi de palmo e meio, garôto de 7 anos muito vivo e ladino.

A sua história é tão curiosa que faz lembrar uma das que as avós sabem contar aos netos nos dias invernosos junto das lareiras.

Em S. Tomé os pais encobrem, em geral, os nomes dos filhos com um pseudónimo a fim de impedir a acção maléfica dos feiticeiros, por acreditarem ser anulado o feitiço quando o nome do indivíduo a ser alvejado não é o verdadeiro.

Assim fizeram com Miguel, a quem puseram o nome de Gandi para enganar os feiticeiros. Estes, porém, têm habilidade para tudo, pois podem descobrir com facilidade os nomes de quem pretenderem,

O certo é que Gandi adoeceu aos três anos, e a mãe lá foi à cata do cirurgião, que é, nem mais nem menos, o feiticeiro. Quando o homem receita, segue-se impecavelmente a prescrição, pois é tido por homem de Deus, muito virtuoso

A história de Gandi

so e capaz de desvendar seja o que fôr.

Gandi foi condenado às célebres chicotadas. A mãe, serviçal do ex.^{mo} senhor José da Costa Louro, proprietário da roça Vitória, ameaçou o miúdo para que não chorasse (ela de modo algum desejava que o patrão viesse a saber do caso), mas o rapaz não se conformou e chorou de tal modo, que o sr. Costa Louro correu a indagar o ocorrido e deparou com a seguinte espectáculo: A mãe e uma prima da criança, na melhor das intenções fustigavam-na fortemente para expulsar o espírito mau. Ao ver aquela crueldade, o sr. Louro correu com aquela gente e, desde então, acarinha e protege o Gandi, arrancado meio-morto daquela selvajaria.

Porque o tratamento não fôsse concluído, ou porque o espírito não fôsse expulso, Gandi continuou a sofrer da hérnia... valendo-lhe o ser salvo da morte o seu protector.

S. Tomé, 24 de Abril de 1942

J. S. Grave

Princípios de discussão pública

Os nossos Irmãos, obreiros ou não-obreiros, têm sido chamados a discussões e têm provocado por vezes essas discussões nos seus trabalhos individuais de evangelização. Presentemente nota-se uma certa calma nos sectores religiosos que não concordam com o Adventismo mas ninguém pense que viveremos sempre para futuro sem novas e tremendas discussões. Em Lisboa começamos a ser conhecidos nos meios evangélicos como Cristãos e os meios católicos estão na fase de se poderem rir do nosso movimento. Mas em Lisboa ou em qualquer parte do nosso império temos de contar com a oposição, com a polémica e com a discussão pública.

Em geral somos aconselhados a não entrar em discussões públicas. É sem dúvida um muito bom conselho que, como todos, não se pode infelizmente seguir sempre. Há casos em que fugir à discussão, não levantar a luva que nos é lançada, daria aos nossos amigos e aos nossos oponentes uma triste idéa das nossas convicções. O melhor cristão não ficaria calado se fôsse acusado de passar moeda falsa; trataria de provar que não era passador voluntário de moeda falsa, até nos tribunais. E de resto lá está o exemplo de Jesus que *nunca* fugiu à discussão pública quando a ela era chamado.

Mas a discussão pública, provocada pelos nossos oponentes e até por nós, tem de ser regulamentada a princípios gerais. É preciso tomar muita conta nesses princípios porque, como na guerra, um passo em falso é a nossa derrota, justamente no ponto em que deveríamos obter uma vitória retumbante.

Eis o que penso:

1.º Nunca mais quererei aceitar uma discussão na casa ou na sala onde o meu opositor pode fechar a sessão quando entenda e pôr-me na rua depois de me ter dito o que quiser.

Digo «nunca mais» porque já no passado caí nessa esparrela. Já tive discussões em círculos restrictos em que o meu opositor, depois de ter dito coisas que, no meu entender, estavam totalmente erradas, fechou a sessão e me despediu.

A discussão tem de ser feita em terreno neutro e em igualdade de circunstâncias.

2.º O ponto em discussão tem de ser definido pelas duas partes contendoras.

Por exemplo:

Trata-se da questão muito debatida: É o Sábado ou o Domingo o dia de guarda dos cristãos. Nós podemos pôr a nossa tese de muitas maneiras. Mas sejam elas sempre como fortalezas impenetráveis, por mais que pensemos na maneira de redigir a nossa tese, have-

mos por força de cometer deslizes. Depois de escolhida a nossa tese vamos observar com atenção a tese do nosso oponente.

Aqui toda a cautela é pouca. Porque o êrro só se defende pela manha e esta virá sempre na respectiva tese. Por exemplo eu não aceitaria combater a tese que se apresentasse sob êste título: «O Dia de descanso da Igreja é o domingo». Pois é muito sabido de todos que o domingo é o dia de descanso da maioria dos cristãos. É mas não devia ser. Também não aceitaria a seguinte tese: «A Igreja deve guardar o domingo» e nesta frase muitos caíam em aceitá-la porque não viam o lôgro: a marcha do meu oponente consistia em demonstrar que a Igreja tem plenos poderes, que a Igreja mudou a guarda do dia e que, consequentemente, todos os cristãos devem obediência à Igreja. Não digo que não fôsse possível atacar a posição adversária com êxito mas a discussão passava de um terreno sólido para um escorregadio. A única tese aceitável seria: «As Sagradas Escrituras mandam guardar o Domingo». Ou qualquer outra semelhante.

Estivemos com tudo isto para demonstrar o valor das teses, nossa e do nosso oponente. Nunca vamos para uma discussão na idéa de saltar de alhos para bogalhos. Não demos aos nossos oponentes êsse direito nem cometamos essa perigosa infantilidade.

3.º Uma vez escolhido o terreno da discussão, uma vez bem defendido o âmbito ou campo de ataque, ainda não devemos ir levemente para o combate sem tomarmos certas precauções. Os futebolistas não vão para os seus desafios ao acaso: nomeiam um árbitro, estabelecem tempos para o jôgo, etc.

Quem vai presidir à reunião? É preciso que seja uma pessoa de comprovada honestidade, de confiança dos dois oponentes, e que seja absolutamente neutra no assunto. O presidente assim escolhido abrirá a reunião e só êle a poderá fechar, mantendo sempre a boa ordem e compostura da assistência.

Quanto tempo tem cada oponente para falar? Deve ser dado a cada oponente o mesmo tempo. Depois de um ter apresentado a sua tese, deve ser dada a palavra por igual tempo ao seu oponente para a combater. Terminado esta primeira fase do encontro passa-se à segunda: deve ser dado ao primeiro que falou mais algum tempo para reforçar o seu pensamento e aclarar qualquer ponto dubitativo. De igual modo, deve ser dado o mesmo tempo ao seu oponente para rebater.

Findos os tempos de antemão marcados, a discussão é encerrada pelo presidente, a assis-

Congregação de Tomar

Temos tido um bom trabalho entre os membros da Igreja como entre as pessoas estranhas aos nossos princípios. Temos procurado encaminhar a todos nos princípios fundamentais da Fé e da Mensagem Adventista. Todos os nossos Irmãos sinceros têm mostrado na sua vida que o Senhor os tem ajudado. Tanto na vizinhança como na família ou na Igreja têm dado bom testemunho. Os dizimos desde a nossa vinda para cá aumentaram cêrca de 100 % sôbre o mesmo período do ano anterior. A Campanha das Missões foi ultrapassada em mais de 900\$00. A Grande Semana em 20 % mais. Todos os outros departamentos da igreja têm mostrado progresso relativo e satisfatório. Por exemplo o da Juventude já alcançou mais do que o alvo que lhe fôra proposto, embora estejamos ainda no 2.º Trimestre. Iniciámos êste ano um novo Departamento, a Sociedade das Dorcas que, até à data, já vestiu 14 crianças e contemplou mais três adultos com peças de roupa, organizou uma pequena reunião social coadjuvada pelos jovens na qual se fêz uma colecta que rendeu 37\$00. Não queremos olvidar o nome do Ex.^{mo} Sr. Simões, digníssimo director da Fábrica de Fiação que nos fêz presente de uma peça de riscado avaliada em mais de 300\$00. Também outros bons amigos nos ajudaram nesta obra benemérita, além dos nossos fiéis irmãos.

tência tem de evacuar em ordem a sala e ninguém mais ousar erguer a sua voz. A verdade ou o êrro será apreciado pelo ouvinte.

4.º Em casos sérios, como por exemplo quando haja um prémio prometido, ainda deve haver um ou vários secretários que dêem um resumo dos argumentos apresentados, escrevam a acta da discussão, que deve ser lida no fim da mesma e assinada pela mesa e por algumas testemunhas presentes.

Friso êste ponto importantíssimo: nenhum obreiro deve aceitar discussões com prémios a a pagar ou receber sem colocar esta condição: «Não aceita por válida a derrota sem que a Instituição que o obreiro representa se confesse vencida na pessoa dos Chefes legítimos.» Qualquer pessoa pode ser vencida, de momento, com a verdade nas suas mãos, por adversário mais astuto e que, no final das contas, só tem nas mãos o êrro. Nenhum obreiro adventista, nenhum homem de bem, pode aceitar uma discussão em nome da Instituição e confessar-se vencido em seu nome, sem que as pessoas legalmente nomeadas para a representar tenham sido avisadas e participem do combate.

Quando estas linhas saírem a público teremos feito alguns baptismos e que representam na situação presente uma grande vitória sôbre o inimigo das almas.

Semanas atrás abrimos o culto em Alfarranede que dista uns 40 quilómetros de Tomar. Na terceira reunião tivemos a surpresa de ver presente ao nosso culto, desde o início ao fim, o padre da freguesia. Pediu que lhe fôsse cedido o mesmo salão uma vez por semana para nos «desmascarar». E assim fêz juntamente com outros dois padres. Disse tudo quanto quis sôbre nós, algumas verdades e alguns desacêrtos. Rebatemos tôdas as suas afirmações e a maior parte dos ouvintes ficaram do nosso lado. Coisa curiosa: os padres fartavam-se de queimar foguetes e a casa não se encheu; nós apenas acendíamos o candieiro já não havia lugar para mais dentro do salão que tem mais de 160 m². Conseguimos manter o interêsse até à data; embora as noites sejam agora pequenas e o trabalho daquela povoação seja árduo, ainda o interêsse continua embora com menos assistência que no entanto sôbre até duas ou três centenas. Os sacerdotes já se consideraram vencidos, retiraram-se e nós ainda, com a ajuda de Deus, ali fazemos as nossas reuniões regulares. Outro lugar bastante povoado pede-nos que vamos até lá pois desejam conhecer o verdadeiro Evangelho. Já lá fui várias vezes carregado com Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos sendo grande a afluência de pessoas.

Presados Irmãos, não eaqueçais a Congregação de Tomar nas vossas orações.

Vosso no Mestre

Marcelino Viegas

Campanha das Missões de 1942

(Conclusão da página 2)

missões viram-se cortadas das nossas bases de reabastecimento. As missões portuguesas vão depender dos fundos das Igrejas portuguesas. Isto quere dizer que Deus está olhando para o Seu povo pedindo-lhe que assuma maiores encargos e responsabilidades na obtenção de fundos necessários. Confiamos que o nosso povo fiel se levantará para um tempo como êste. Com a ajuda de Deus, façamos planos êste ano para que a Campanha das Missões produza mais fundos do que nunca. Todos os esforços sinceros serão abençoados e recompensados por Deus, nesta vida e na vida eterna.

A. V. Olsn

Colportagem em Cabo Verde

Após cinco dias de viagem no *Mousinho*, cheguei ao pôrto de S. Vicente a 17 de Julho de 1941. Com pressa, procurei logo instalar-me o que não é muito fácil nesta época em que abundam tropas e passageiros de diversas nacionalidades naquele pôrto de passagem. No dia seguinte, comecei logo a minha tarefa com coragem e fé em Deus. Comecei, segundo a nossa maneira normal, por visitar as entidades oficiais tais como Câmara, onde fui amavelmente recebido pelo Sr. Bibliotecário que ficou com os nossos livros; também abordei o Sr. Secretário que me recebeu muito amavelmente.

Em tôda a parte, fui bem recebido pelas entidades oficiais. Depois continuei a apresentação pelos comerciantes e industriais, sempre com o mesmo êxito. Senti que era recebido por todos com maior amabilidade do que é hábito no continente.

Em Cabo-Verde não há muitas livrarias. Nas duas cidades da Praia e do Mindelo há apenas uma em cada. As pessoas compram pois com mais facilidade o pão do espírito. O movimento também não é tão grande que impeça, como no continente, ao comerciante ou industrial alguns momentos de conversação. E, finalmente, ninguém está saturado de visitas de colportores. E o caboverdeano é amigo de ler e gosta de estar integrado no movimento literário e espiritual do continente. Não desejo, sobretudo, esquecer a bênção que Deus dá a todo o esforço que é feito para a evangelização do mundo.

Depois de colportar Mindelo, dirigi-me para a ilha de Santo Antão. Fiz a viagem num veleiro pequeno. Foi uma viagem curta, de algumas horas, mas muito trabalhosa. Na vila da Povoação, depois de falar com o Chefe da Polícia, êste teve a gentileza de pôr às minhas ordens um agente que me fôsse indicar as pessoas mais amigas de literatura na localidade!

O pior foi quando acabei o meu trabalho. Entrar nas ilhas é difícil mas sair delas é difficilimo! Estive 20 dias à espera de barco que me conduzisse à cidade da Praia. Tive a felicidade de apanhar *O 28 de Maio* o único vapor que faz a carreira entre as ilhas. Se o não apanhasse teria de partir em veleiro, de pequena tonelagem, o que é muito perigoso e só pessoas muito afeitas ao mar se aventuram em tais embarcações.

Há ilhas onde não vale a pena apresentar livros.

Por exemplo desembarquei na ilha de S. Nicolau e fiquei desolado com o que lá vi. Noutras ilhas tais como Boa-Vista e Maio, como são pequenas e de nenhum movimento, o barco parou apenas uma escassa meia hora.

Mas, felizmente, na cidade da Praia, capital do arquipélago, tive bom êxito. Depois parti pera a Brava e Fogo.

Como se vê, não tive dificuldade de maior na minha viagem. Por tôda a parte fui bem recebido e só tenho a agradecer a Deus a Sua misericórdia. Em três meses de trabalho, com largas semanas parado à espera de barco, alcancei colocar livros num valor de 2.666\$00. Com certeza que, em épocas mais sorridentes, quando haja bom ano agrícola pela caída das chuvas, muitos mais livros se poderão colocar. Mesmo assim creio que foi um êxito e o trabalho da colportagem nunca será feito em vão porque tem a sua origem em Jesus. Lá diz a Irmã White: «Quando a colportagem é exercida em boas condições e num bom espírito torna-se um trabalho missionário de alto valor».

Acabo de receber os novos livros chegados de Lisboa e vou-me deitar ao trabalho aqui mesmo na Brava, para depois tornar a percorrer o arquipélago.

Que os nossos Irmãos colportores tenham por tôda a parte muita coragem e possam gozar a mesma satisfação que eu tenho sentido é o sincero desejo do

Gregório Rosa

Brava, Março de 1942

Um texto difícil no Espírito da Profecia

(Conclusão da página 3)

era decretado pela lei de Moisés. Mesmo que êste pedisse uma parte do seu vestido deveriam entregá-lo. Mais do que isto, deveriam dar ao credor o seu débito e, se necessário, mesmo mais do que o tribunal autorizasse a levar. «Se alguém pleitear contigo e te tirar o vestido, larga-lhe também a capa». E se os correios (autoridades encarregues de fazer o correio, pensamos nós tradutores) requezerem que tu vás uma milha com êles, vai duas milhas.»

(Extraído do *Monte das Bênçãos*, pág. 107-111).

NOTICIÁRIO

Chegadas — Acaba de chegar de Cabo-Verde o nosso Ir.^o Pedro de Burgo que vem estudar para Portugal, caso não possa seguir para o nosso Seminário no Brasil. Desejamos-lhe uma feliz estadia entre nós e que sempre encorajado no seu propósito tão nobre.

Partidas — Partiu para os Açores onde chegou de saúde o nosso Ir.^o Samuel Reis e sua Esposa. Teve uma despedida afectuosa dos Irmãos de Lisboa. Foi acompanhado por uma expedição militar e ao som da «Portuguesa» como soldado de Cristo pela expansão da Fé e do Império. Notícias recebidas de Ponta Delgada dizem-nos que está animado e acompanhando o Ir.^o Lourinho num esforço de evangelização. Daqui lhe dirigimos os nossos cumprimentos.

Baptismos — Damos os nossos parabéns à Congregação de Lisboa pela boa sessão de baptismos realizados a 24 de Maio. Noutro lugar falaremos sobre. Agora desejamos apenas congratularmo-nos com o facto de se terem baptizado cinco alunos do nosso Instituto Académico Adventista. Belo bouquet de mocidade em flor. Outros jovens se estão preparando para o baptismo. Graças a Deus!

Casamento — Tivemos o prazer de assistir ao do nosso Ir.^o José Pires, missionário em Niza, com a nossa Ir.^a Maria Augusta Figueiredo, no dia 31 de Maio. A cerimónia solene realizou-se no nosso templo de Lisboa na presença de numeroso acompanhamento de irmãos e amigos. Oficiou o Pastor Dias Gomes. Desejamos as maiores vitórias a tão simpático casal.

Os nossos missionários — Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso Ir.^o Carlos Gouveia que acaba de sair da Casa de Saúde, aparentemente muito bem de saúde. Estamos todos de parabéns e esperamos que o nosso Irmão seja um elemento de força moral e evangelizadora por largos anos até ao fim.

Também chegou de Angola ao nosso meio o Ir.^o Falcão. Está bem de saúde e cheio de coragem para o trabalho. Está trabalhando no nosso escritório da Sede enquanto procura restabelecer-se dos efeitos perniciosos do clima africano.

Revista da Saúde — Custou mas apareceu! Não é fácil hoje fazer aparecer qualquer revista. Agora o principal é que seja colocada nas mãos do público e exerça a sua missão adventista. Quem há entre nós que ignore ser o movimento higiénico uma das grandes alavancas da evangelização? Contamos pois com a simpatia de todos os nossos obreiros e irmãos na fé. Desde já registamos com desvanecimento o zelo com que alguns se propõem angariar assinaturas. Um jovem obreiro nos dizia que estava disposto com alguns membros a fazer um trabalho de angariamento de assinaturas, bairro a bairro, na sua cidade! Pela nossa parte só podemos prometer mais cuidado, mais trabalho e maiores progressos na confecção da mesma.

Visitas — O director desta revista teve a oportunidade de visitar a Congregação de Coimbra e a do Pôrto, nos fins de Maio. Teve o privilégio de fazer algumas reuniões públicas em Coimbra e uma

no Pôrto. Ficou com a melhor das impressões e teve oportunidade de falar aos nossos Irmãos das necessidades da Obra em Cabo Verde e de trocar pensamentos com os Pastores das mesmas.

Novo livro — Saiu da nossa Casa Publicadora mais um livro de grande alcance, embora pequeno e barato. É a enciclica *Spiritus Paraclitus* de Bento XV. Nem mais nem menos! Um papa a recomendar aos bispos, padres e crentes de Roma, a leitura das Sagradas Escrituras, a encarecer o proveito que todos tirarão de tal leitura. Certamente que é o melhor livro que podemos dar a qualquer católico que queiramos conduzir para o Evangelho de Jesus. Desde já nos regozijamos ao pensar nos numerosos católicos e ministros de Roma que vão ler em português aquilo que não teriam oportunidade de ler em latim. É uma obra barata. Cada exemplar custa apenas 2\$50.

Seminário Adventista — Tem trabalhado regularmente e com certo afã. Aproxima-se o fim do ano lectivo de 1942. Um bom grupo de alunos dá por terminados os seus estudos. Outra parte iniciou-os e continuá-los-á. Durante seis meses um forte grupo de homens e mulheres irá exercer a sua actividade no campo da evangelização. Damos graças a Deus por nos ter dado meios e possibilidades para trabalhar dentro do Instituto com a nossa Juventude. Estamos na disposição de melhorar quanto pudermos a nossa Escola. Pedimos para ela a oração dos crentes e que para ela encaminhem a Juventude.

Falecimento — Descansa dos seus sofrimentos, na sepultura, a nossa Irmã Travassos, da Congregação de Lisboa. Foi sempre uma boa irmã em Cristo. Trabalhou durante alguns meses na colportagem. Sentem todos quantos com ela conviveram, nos seus tempos de saúde e trabalho, grande tristeza e saudade. A toda a família e em especial a sua pobre mãe endereça a Revista os seus respeitosos pésames.

De Coimbra — Apesar de me encontrar nesta linda e nobre cidade do Mondego apenas desde o dia 25 de Abril e por conseguinte pouco poder dizer do trabalho, no entanto desejo dirigir-me aos nossos prezados Irmãos da Conferência e da União, para vos dizer que nesta parte do nosso campo onde fui colocado, prossigo com ânimo e coragem no trabalho do Senhor, e pela Sua graça tenho fé que algumas almas sejam chamadas das trevas, para a luz maravilhosa do Evangelho — *Eliseu Miranda*.

De Vila Real de Santo António — Prezados Irmãos: Não queria importunar-vos com certas notícias, todavia está escrito «Orai uns pelos outros», e para que possamos fazê-lo directamente, julgo ter de vos contar também as nossas dificuldades para em consequência disso poder levar-vos a compartilhar das nossas súplicas.

Se eu vos digo que o Algarve é um campo muito promissor, é para despertar o maior interesse possível. Apesar das bênçãos que gozamos e do progresso que podemos notar no meio dos irmãos e simpatizantes, o maligno está trabalhando fortemente — certamente porque vê, que aqui se pode fazer alguma coisa. Gostava de dar-vos rapidamente uma ideia do que se passa nesta vila. Deve ser

conhecido por vós o que este grupozinho passou nos anos de 1939 e 40. Mas para que todos possais ter uma ideia perfeita, cito aqui algumas palavras que me foram enviadas da parte do Ir.^o Lourinho no dia 2-4-40 para serem publicadas pelo Departamento da Escola Sabatina. Não houve ocasião, mas ei-las aqui :

«O nosso pequeno grupo de vinte e tal membros da Escola Sabatina, vivia uma vida tranqüila e reünia-se animadamente todos os Sábados na nossa linda sala de cultos desta vila. Em Fevereiro de 1939 fomos terrivelmente surpreendidos pela comunicação da autoridade do distrito, de que devíamos, sob pena de prisão, encerrar a nossa sala de culto. Podem os Irmãos calcular o que esta noticia foi para todos nós e para os numerosos ouvintes das nossas reünões.

Que fazer em face de tal determinação? Pensamos que, não tendo nós transgredido qualquer lei do país, ou indicação da autoridade, devíamos animar-nos, estudar e orar ao Senhor para que as dificuldades se resolvessem. A nossa Escola Sabatina não acabou. Nos primeiros Sábados fizemos as nossas reünões numa linda floresta de pinheiros, existente próximo da vila ; ora num lugar, ora noutro.

Porém, quando chegou o mau tempo, foi preciso mudar. Decidimo-nos a realizá-la na nossa moradia enfrentando qualquer dificuldade que pudesse haver. Excusado será dizer que a policia rondou, por vários Sábados a nossa Igreja, para verificar se tínhamos executado a ordem dada. Uma vez, estando nós ausentes de casa, veio a policia perguntar quantos homens estavam em casa. Retirou-se ao respondido que se não encontrava nenhum. Não mais voltou. Desde então reünimo-nos sempre regularmente na nossa residência e, além dos Irmãos, vêm também algumas visitas. Ao principio não cantávamos hinos. Abandonámos essa ideia há perto de um ano, e começámos a cantar os nossos lindos hinos.

Todos os nossos Irmãos e amigos continuam esperançados e animados e estão prontos para qualquer sacrifício com a ajuda de Deus.

Saüdamos fraternalmente tôdas as Escolas Sabinas do nosso campo, é unimo-nos a elas para salvação de muitas almas.» — *M. Lourinho.*

Graças a Deus a nossa sala foi outra vez aberta e estamos trabalhando com todo o ardor. Porém o espirito de perseguição ficou reinando, não junto das autoridades civis, mas sim religiosas, isto é : o fervoroso adepto da Igreja Católica vê em nós sempre os «maus judeus», e a nossa casa de oração é chamada muitas vezes «aquela casa», «casa do diabo», etc. Isto tudo não faria tanto mal, se não se ajuntasse ainda a perseguição profissional. Para melhor compreensão disso, devo dizer-vos que o ganha-pão da maioria, tanto homens como mulheres, é nas fábricas de peixe, que estão nas mãos de meia dúzia de «fervorosos e bons católicos», que ameaçam constantemente os seus empregados, desde que souberam que tivessem vindo à nossa casa de culto, se continuarem a vir ameaçam-nos de serem despedidos — do que resultaria grandes misérias, pois todos os fabricantes se estão protegendo neste ponto. Não esqueçais, esta terra é apenas uma vila e logo tudo se sabe.

É nestes momentos que se pode provar verdadeiramente a fidelidade de cada um. É graças ao poder divino, temos Irmãos que compreenderam passagens tais como Rom. 1:16 «não me envergonho do evangelho», e Mar 8:38 onde diz : «porque qualquer... que se envergonhe de mim... também o filho do homem se envergonhará dele...». Que Deus tire de de nós qualquer vergonha e tôda a cobardia que tantas vezes nos assalta !

Posso dizer-vos, e isso de fonte segura, que assistência às nossas reünões e o interesse pela causa

poderiam ser muito maiores em Vila Real de Santo António, se não houvesse esta opressão espiritual. Pessoas que gostavam da nossa fé evitam de nos encontrar e falar. Referindo-me à prece mútua que nos devemos, não quero terminar esta pequena exposição sem vos pedir as vossas fervorosas e insistentes orações em prol do vosso Algarve e em particular de Vila Real de Santo António. Deus quer ouvir-vos — pronunciai-vos !

Também tenho, Irmãos, algumas linhas de encorajamento. Há algumas semanas formei uma classe de Bíblia da qual uma parte estará pronta até ao fim do corrente e, se não houver contratempo de maior, teremos um bom baptismo. Igualmente está Deus me abençoando no meu esforço fora de Vila Real. Se a divina providência permitir, teremos em breve algo a apresentar à Igreja do Algarve por 3 novos membros nas respectivas cidades de Tavira, Faro e Lagos.

Por hoje, prezados Irmãos, vos saüda com I Ped. 5:14, o vosso servo em Cristo — *Karl F. P. Sommer.*

SUMÁRIO

<i>Campanha das Missões em 1942</i>	1
<i>Interpretações privadas das profecias ...</i>	2
<i>Um texto difícil no espirito de profecias..</i>	3
<i>Aplicação errônea do espirito de profecia</i>	4
<i>Uma visita a Cabo Verde</i>	5
<i>Assembleias anuais da Brava.</i>	7
<i>Missão de S. Tomé</i>	10
<i>A história de Gandi</i>	11
<i>Princípios de discussão pública</i>	12
<i>Congregação de Tomar..</i>	13
<i>Colportagem em Cabo Verde... ..</i>	14
<i>Noticiário</i>	15

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Publicação bi-mestral

Director : *A. Dias Gomes*

Redactor : *Ernesto Ferreira*

Administrador : *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual 5\$00

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA